

EXPERIÊNCIAS EM ARTE EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA CIDADE DO CRATO/CEARÁ

Sislândia Maria Ferreira Brito¹
Ananda Jullyane Gomes de Souza²
Thaís Gonçalves Silva³

RESUMO

O trabalho foi desenvolvido na disciplina História e Fundamentos do Ensino da Arte, V semestre do Curso de Pedagogia, visando conhecer e descrever as concepções acerca da Arte na Educação Infantil. A pesquisa justifica-se por entender que arte é conhecimento, nesse sentido necessitamos e exercemos cotidianamente nas pequenas e grandes ações. Assim, como é importante que o docente potencialize habilidades e conhecimentos para além do desenho pedagógico. Nesse sentido, a pesquisa possibilita uma reflexão acerca da cultura visual e discute a seguinte problemática: de que forma as ações e experiências com a Arte realizadas pelos educadores têm contribuído para potencializar o pensar, agir e sentir dos pequenos? A pesquisa é de cunho qualitativo, exploratório com ida a campo. Em seguida foram realizadas entrevistas com uma professora e dois alunos de uma turma do infantil V de uma instituição pública municipal da cidade de Crato, Ceará. A experiência possibilitou aos graduandos de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA, o contato direto e experiencial de uma sala de aula, com os desafios e as possibilidades de compreensão para além dessa vivência, pois ouvir as crianças e a professora sobre os avanços e percalços que enfrentam nas aulas de Arte é desafiador e requer estudo, pesquisa e desenvolvimento de projetos que possibilitam mudanças.

Palavras-chave: Ensino de Arte, Educação infantil, Prática docente.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como finalidade abordar a questão do ensino de Arte em uma escola pública do município Crato/Ceará no âmbito da Educação Infantil. Dessa forma, faz-se necessário refletir que a criança é um ser histórico, crítico e social, assim quanto mais cedo ela tiver o contato com diferentes conhecimentos, diferentes culturas, mais potencialidades, serão desenvolvidas. Nessa direção, se pode afirmar que é por meio da interação e socialização com os outros sujeitos, outras culturas e artes que se constroem e reconstroem ações e ideias.

A pesquisa justifica-se por entender que arte é conhecimento, linguagem, expressão e cognição, nesse sentido necessitamos desenvolver no chamado chão das escolas e instituições

¹Doutora em Artes Visuais e Educação pela Universidade de Sevilla, Espanha. Professora Efetiva do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri - URCA, sislandia.brito@urca.br

²Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri - URCA, ananda_jullyane@hotmail.com

³Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri - URCA, thais.goncalves@urca.br

vivências/experiências que possibilitem compreender a importância dessa área para o desenvolvimento integral das crianças. Assim, como é importante que o docente potencialize habilidades e conhecimentos para além do “desenho pronto da flor e da casinha”.

O referido trabalho foi desenvolvido na disciplina História e Fundamentos do Ensino da Arte, na turma do V semestre do curso de Pedagogia, visando conhecer, descrever e refletir acerca das concepções da Arte na Educação Infantil, tomando de empréstimo as falas de uma professora e de três crianças.

Para tanto, importa tecer algumas reflexões. Sabemos que existe a imposição social de um conjunto de normas relacionadas ao uso de determinada cor, a forma de ser, de se comportar e de brincar que direciona a criança para um mundo padronizado, limitando suas potencialidades seja na forma de desenhar, de criar ou recriar.

Ressaltamos que a escola é o ambiente em que as crianças passam a maior parte do tempo, com isso, torna-se o lugar onde há mais representações, descobertas e questionamentos. É nesse ponto que se entra em discussão as experiências com arte na educação infantil.

No início do século XX a escola surgiu para ressignificar o ensino, trazendo a “concepção que desloca o foco do ensino da arte do produto para o processo; que busca justificar a importância da arte na educação não pela arte em si, mas pelo que ela pode contribuir para a educação integral no ser humano” (BARBOSA, 2002, p.43).

Na esteira dos acontecimentos fica evidenciado que antes o ensino de arte era visualizado a partir do modelo organizado pela metodologia tradicional, não explorando a arte enquanto conhecimento que pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem da criança.

Nesse viés, a história e os marcos legais nos apresentam o lugar da arte na educação do Brasil, como por exemplo, o início desse ensino na escola com a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, 5.692 de 1971, que no seu inciso IV, do artigo 9º, a considerava o não como disciplina obrigatória, mas como atividade que “vagava ao sabor das tendências e interesses” tornando seu ensino frágil e descontextualizado.

Porém, em 1996 com a reformulação da LDB, que no § 2º de seu artigo 26, estabelece que “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica.” O texto contido na lei permite que o ensino de arte seja ofertado obrigatoriamente em todas as etapas da educação básica, proporcionando a

criança experienciar a arte que brota na sua comunidade, assim como as construídas e em construção.

Outra conquista para a área foi a aprovação da Resolução Nº 5, de 17 de Dezembro de 2009 que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Nesse sentido, o artigo 3º da referida resolução explicita que “O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade”.

Isto significa que o docente deverá trabalhar e aplicar práticas que relacione as experiências com o universo familiar, cultural e social da criança, possibilitando vivências em arte e contemplando o desenvolvimento integral, despertando a capacidade de refletir, de criar, de questionar tornando-a um sujeito de atuação efetiva na sua comunidade.

O artigo 4º, da resolução supracitada, aponta que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil que deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Assim, O planejamento se constitui ferramenta indispensável para os professores que deverão também respeitar aspectos que permitam aos pequenos obterem conhecimento de si, do outro e do mundo, por meio de práticas que envolvam experiências aguçando todos os sentidos, com formas, luzes, sombras, cores, sons, movimentos, dentre outros.

Nessa direção, a pesquisa pretende responder o seguinte questionamento: de que forma as ações e experiências com a arte realizadas pelos educadores têm contribuído para potencializar o pensar, agir e sentir dos pequenos? Para isso, teremos como recorte uma pesquisa em uma instituição pública municipal na busca de identificar, mesmo que de forma amostral, como os docentes da Educação Infantil compreendem a importância da arte na educação. Assim, observar as práticas em arte na Educação Infantil e as dificuldades apontadas pela professora se constitui elemento fundamental para alcançar os objetivos organizados para esse trabalho.

Nessa direção, faz-se importante iniciar as reflexões propostas para esse trabalho investigativo falando sobre a cultura visual, como expressão da comunicação contemporânea,

e podemos considerar algumas das implicações acerca dessa temática, nosso envolvimento com a imagem, no nosso cotidiano familiar, social, como também na escola, e uma das questões evidenciadas, sobre que temos de refletir e organizar uma proposta educativa, urgente e necessária sobre a presença da imagem, como instrumento de controle cultural. Esse é um dos compromissos do trabalho educativo que podemos desenvolver, em meio a uma questão de tão grande importância, dentro da escola, e explicitamente deixada à margem das propostas curriculares e dos projetos pedagógicos.

CULTURA VISUAL: PARA INÍCIO DE CONVERSA NA ESCOLA – O QUE DIZ A TEORIA

A imagem nunca esteve tão em pauta como na atualidade. Hoje, ela desempenha uma função que chega a nos inquietar, enquanto educadores, visto que aprendemos por meio desse universo visual, presente em nosso dia-a-dia. Nesse sentido, algumas questões devem ser respondidas urgentemente, tais como: estamos reivindicando a inclusão das imagens no cotidiano da sala de aula? Estamos reivindicando uma alfabetização visual para todos os nossos educandos, em contribuição ao acesso às imagens da cultura universal, como condição essencial para constituição de uma sociedade igualitária?

São reflexões a tais indagações que pretendemos estabelecer neste texto. Iniciaremos com uma reflexão sobre abordagens conceituais e alguns pressupostos teóricos acerca da cultura visual, na atualidade. Estabeleceremos um diálogo entre autores que se dedicam a essa temática. Uma segunda questão que abordaremos é a respeito das imagens no cotidiano: que poder elas exercem sobre nós; a utilização da imagem pelos veículos de comunicação, como instrumento de dominação de mediadores de valores culturais. No terceiro e último ponto, buscaremos comentar a respeito das imagens, no cotidiano das salas de aula, ou seja, a necessidade de relacionar o universo visual, vivenciado através dos meios de comunicação, como a televisão, o cinema, a publicidade e a internet com a educação escolar, repensando sempre na resposta educativa que o pesquisador Fernando Hernández (2000, p.11), vem sugerir para a educação escolar, e que esta resposta aconteça de forma interdisciplinar, por meio de projetos que não sejam apenas para introduzir “a noção de cultura visual, mas também incorporando uma atitude diante do conhecimento escolar”.

Nessa perspectiva se pode refletir que na vida em sociedade, temos os signos e os símbolos como veículo de significado que ocupam um papel importante, contribuindo para

organização, formação e construção da consciência individual e coletiva. Assim, a cultura visual contribui para que os sujeitos construam as suas identidades, também mediados pelo que veem e como veem, olhando, conhecendo o mundo, os outros e a si mesmos dando nomes, escutando e agindo individual e socialmente.

Buscando construir uma melhor perspectiva de compreensão do que seja a cultura visual, lançaremos o nosso olhar ao que dizem alguns autores que pesquisam, escrevem e vivem a cultura visual, na contemporaneidade, tais como: Ana Mae Barbosa (1998), (2005), Fernando Hernandez (2000), Alberto Manguel (2006), Michael Baxandal (2006).

Iniciaremos o nosso passeio conceitual acerca da cultura visual, buscando compreender o que diz Ana Mae Barbosa sobre identidade cultural:

A identidade cultural não é uma forma fixa ou congelada, mas um processo dinâmico, enriquecido através do diálogo e trocas com outras culturas (...) sem a flexibilidade de encarar a diversidade cultural, existente em qualquer país, não é possível tanto uma identificação cultural como uma leitura cultural, global ou, ainda, uma cultura ecológica (BARBOSA, 1998, p.14).

Partindo dessa análise, faz-se necessário compreender a cultura visual na educação escolar como (BARBOSA, 2005, p.281) propõe “um campo emergente de pesquisa transdisciplinar e transmetodológica que estuda a construção social da experiência visual.” É nesse sentido que o enfoque da cultura visual, aqui defendida, se balisa, vivenciando os aspectos da atualidade, no que se refere ao mundo tecnológico-visual, em que a informação e o conhecimento são produtos essenciais das imagens presentes, nos nossos dias.

Concordamos com a autora quando afirma:

Aspecto da visualidade, que se refere ao nosso modo de olhar, ver, contemplar, fitar, mirar, observar, testemunhar, examinar, vislumbrar, olhar de relance, espiar, espreitar e entrever o mundo; é particularmente relevante para a construção da representação do conhecimento e revela a necessidade de uma exploração adicional dos conceitos da comunicação e de representação cultural (BARBOSA, 2005, p. 281-282).

Portar-nos-emos, em seguida, a buscar compreender os elementos conceituais da cultura visual, na atualidade, remetendo-nos sempre a refletir que:

A importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos, e como nos olhamos, e contribuir para a produção do mundo, isto é, para que os seres humanos saibam muito mais do que experimentam pessoalmente (...) a cultura visual assim entendida cumpre a função de manufaturar as experiências dos seres humanos, mediante a produção de significados visuais, sonoros, estéticos, etc.(HERNÁNDEZ, 2000, p.52).

Buscamos, agora, a compreensão sobre cultura visual, considerando que todos os sujeitos, indistintamente, têm o direito de ler e compreender imagens como quem lê palavras, e sobre essa questão Alberto Manguel comenta:

O Papa Gregório, no século VI, argumentava que os afrescos e as estátuas nas igrejas representavam para os analfabetos o mesmo que um texto para os letrados; (...) a linguagem humana é feita de palavras que se traduzem em imagens e de imagens que se traduzem em palavras. As imagens que formam o nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias. Ou talvez sejam apenas presenças vazias que completamos com o nosso desejo, experiência, questionamento e remorso. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos (MANGUEL, 2006, p.19).

No clássico livro sobre a história social da arte, intitulado Padrões de Intenções à Explicação Histórica dos Quadros, Michael Baxandal estabelece o que chama de “uma relação entre o objeto e suas circunstâncias, nossas experiências com o que vemos e como nos vemos” e acrescenta:

É claro que o processo visual é muito mais que essa simples exploração com os olhos: usamos nossa mente, e a mente se vale de conceitos (...) o que se segue é um aguçamento da percepção dos detalhes, a observação de algumas relações, de uma certa ordem etc. A sequência da exploração óptica progride, de acordo com nossos hábitos gerais de apreensão das coisas...(BAXANDAL, 2006, p.35).

Os autores que dialogam nesse texto traçam conceitos e relacionam campos do conhecimento, que nos encaminham às diversas informações convergentes, no que se refere à cultura visual, às imagens presentes não só no mundo atual, mas também em todos os tempos. Fazem-nos refletir acerca da imagem como texto histórico, como experiências vividas não só por sujeitos, nos preceitos individuais, mas também em contextos sociais. Observamos nas falas dos autores a cultura, as imagens, a cultura visual, rompendo o que chamamos de aspectos temporais e atemporais, abordagens de construções de conhecimentos, em tempos e espaços distintos, perspectivas além de seu próprio tempo. Cultura visual, no contexto de explicação das ideias de perpetuação ou mudanças na história de sujeitos, de culturas, de valores éticos, estéticos, políticos e das relações sociais, é a busca urgente e necessária em compreender a cultura visual, na atualidade, as relações de homens e mulheres com o universo visual da sua cultura.

Importa refletir que a atualidade permite-nos afirmar que a imagem tem um poder indiscutível. Não podemos simplesmente fechar os olhos e fingir que o mundo que nos cerca

não está repleto de informações. Isso seria renunciar ao ato de ver e observar. As informações imagéticas chegam-nos de diversas formas, seja ativa ou passivamente, conduzindo-nos a tomarmos decisões sobre nossa vida, nossa forma de pensar e agir, no cotidiano das nossas casas, trabalho, rua. Isso se confirma, quando observamos como os sujeitos se relacionam, o que eles discutem, pensam, gostam, os seus valores morais, culturais e familiares.

Nesse sentido, devemos admitir que os meios de comunicação exercem um poder de controle e manipulação. Citamos, por exemplo, a televisão como um dos elementos de comunicação visual que se tornou um forte manipulador cultural e ideológico, reproduzindo valores culturais. Percebemos as crianças, os jovens e os adultos, sem distinção de etnia ou classe social, envolvidos massacradoramente nesse universo de manipulação pela televisão, hoje de alcance da maioria da população.

Sobre a forte participação dos meios de comunicação, na atualidade, Fernando Hernández afirma:

O universo visual é, na atualidade como sempre foi, mediador de valores culturais (...) o visual é hoje mais plural, onipresente e persuasivo que nunca. As relações dos indivíduos, de maneira especial dos meninos, das meninas e dos adolescentes com esse universo não conhece limite disciplinares e institucionais (...) os meios de comunicação, em particular a televisão, como disse Homer Simpson, são os educadores privilegiados do público. (HERNÁNDEZ, 2000, p.10).

Diante disso, observamos que o universo visual, repleto de ideologias, oferecido pela televisão, apresenta-se na atualidade reproduzindo nos indivíduos ideias, valores, referenciais estéticos, incorporando, assim, atitudes que giram em torno da perpetuação do modelo de sociedade que temos.

Não assinalamos, aqui, tão somente a televisão como único meio manipulador de valores culturais, que se utiliza do poder da imagem para atingir o seu desiderato. Temos, nos nossos dias, uma pluralidade de elementos que são referenciais, ou seja, contribuem fortemente para a marginalização social, que se apropriam do universo visual para conseguir as suas finalidades, tais como o cinema, a publicidade, a internet, que se apresenta como um dos veículos de comunicação visual de aceitação por boa parte da população, que permite também as mais diversas manifestações visuais, informações, muitas vezes, mediadoras de valores que desconhecem limites disciplinares, éticos, estéticos, sociais e políticos.

Nesse cenário provocativo acerca do universo visual que temos, na atualidade, não podemos negar uma resposta educativa. A escola, nesse espaço, deve manifestar-se, de

maneira não ingênua, fazendo relações, traçando diálogos, provocando reflexões sobre o universo visual, dentro e fora da escola, e nesse ínterim vivenciar os projetos, incorporando uma atitude diante do conhecimento escolar.

A IMAGEM NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

As imagens, fora do cotidiano escolar, são imagens presentes na escola? Quais são as relações que os educadores das diversas áreas do conhecimento fazem para estreitar o diálogo entre a sua disciplina e as imagens vivenciadas pelos alunos, no dia-a-dia? Sabemos que essas questões precisam de respostas, não respostas ingênuas ou vazias, mas respostas necessárias para uma tomada de consciência a respeito da presença avassaladora da imagem, em todos os momentos e lugares da vida do educando. Se somos consumidores dos mais diferentes produtos imagéticos, faz-se necessário estabelecermos uma relação de diálogo e de construções de respostas educativas para esse universo visual a que somos submetidos.

Nesse sentido, vale considerar que:

A imagem ocupa um espaço considerável, no cotidiano do homem contemporâneo. Livros, revistas, outdoors, internet, vídeo, cinema e tevê, para citar apenas as fontes mais comuns, produzem imagens incessantemente, quase sempre à exaustão e diante de olhares de passagem. Todos são meios ao alcance da maioria da população brasileira e tão presentes quanto enraizados nos gestos mínimos de nosso dia-a-dia (BUORO, 2002, p.34).

Somos possuídos pela imagem, ela nos invade, de maneira persuasiva, e não questionamos, não buscamos elementos para relacionar os interesses dos que nos submetem a essa invasividade, com a nossa realidade social construída também com a forte contribuição dos códigos visuais, enraizados de valores implícitos e explícitos nas imagens que confrontamos, no cotidiano. As imagens conduzem, muitas vezes, a sociedade a posicionamentos e condicionantes que não podem permanecer ignorados. Cabe também à educação escolar buscar alternativas para reflexão, análise e organização de respostas para a presença da imagem, na vida das crianças, jovens e adultos não só no contexto escolar, mas também fora dele.

A relação entre a cultura visual e a educação escolar tem que ser íntima não só introduzindo o conceito e a noção de cultura visual, mas também uma proposta de educação para a compreensão dessa cultura, incorporando, assim, comprometimento, atitude, diante do conhecimento escolar.

Nessa compreensão, os educadores permitam-se organizar um diálogo entre as imagens produzidas pelos veículos de comunicação e as imagens apresentadas pela escola, seja por intermédio do livro didático ou qualquer outro instrumento presente no ambiente escolar. Assim, na criação de propostas para o cotidiano das suas aulas, o professor não pode deixar de considerar que:

Estamos rodeados por imagens veiculadas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc., como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A leitura das imagens fixas e móveis da publicidade da arte, na escola ajuda-nos a exercitar a consciência acerca daquilo que aprendemos, por meio da imagem (BARBOSA, 2002, p.19).

Como objetivo e finalidade da relação da educação escolar com a cultura visual, o pesquisador Fernando Hernández vem estabelecer uma proposta de currículo de arte na educação, para a compreensão da cultura visual, evidenciando oito pontos:

- A prática artística e o conhecimento histórico da arte são campos de conhecimento intervencidos que favorecem a compreensão da cultura visual;
- A cultura visual confronta os olhares sobre os objetos de caráter mediacional de diferentes épocas e culturas;
- O estudo da cultura visual não se esgota nos quatro saberes tradicionais em relação à arte;
- Um enfoque transdisciplinar (como criação de novos objetos de pesquisa) dirige-se ao estudo da cultura visual e sua vinculação com outras áreas e temas do currículo;
- O conhecimento da cultura visual está relacionado às interpretações sobre a realidade e sobre como estas afetam a vida dos indivíduos;
- O estudo da cultura visual mantém-se aberto em sua caracterização;
- O estudo da cultura visual tem início na educação infantil e chega às instituições e aos novos mediadores virtuais;
- As representações artísticas refletem concepções culturais, das quais também fazem parte as questões formais. (HERNÁNDEZ, 2006, p.130).

Assinalamos, aqui, pontos que consideramos norteadores para a resposta educativa tão aclamada e desejada urgentemente nas nossas escolas, um diálogo sobre o universo cultural e a educação escolar, a cultura visual e a escola, numa leitura consciente de cultura visual, compreendida em um contexto interdisciplinar.

METODOLOGIA

O presente trabalho é de cunho qualitativo, exploratório com ida a campo que visa observar e refletir o ensino da Arte no âmbito escolar. Inicialmente foi realizado um estudo nos documentos Brasil (1996), Brasil (2009), Brasil (2017) e para analisar os dados coletados nos sustentamos nos estudos de Maranhe (2011). Porém, para estabelecermos uma relação de diálogo com o objeto

de estudo proposto nesse trabalho foi organizado um passeio conceitual acerca da cultura visual, buscando compreender o que diz Ana Mae Barbosa (1998), (2005), Fernando Hernandez (2000), Alberto Manguel (2006), Michael Baxandal (2006), entre outros.

Na busca de compreender o tema em questão foi realizada uma visita à escola para conhecer o espaço e observar o que está visualmente exposto nos muros, nas paredes da escola e, portanto, da sala de aula.

Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas munidas do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) com uma professora e com três crianças do infantil IV, de uma escola pública da cidade do Crato, Ceará. Foram selecionadas dez perguntas para os entrevistados, seguido por uma visita a sala para observar o aspecto estético do ambiente e aplicação da aula de Arte. Com a aplicação das entrevistas, buscou-se conhecer como era experienciado o ensino de Arte na perspectiva do educador e das crianças na Educação Infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa acerca do conceito de cultura visual e da sua possibilidade na educação escolar foi organizada no início desse trabalho na busca por tentar entender as diversas realidades e possibilidades da presença e do espaço para a arte e seu ensino nas propostas curriculares da Educação Infantil.

A Partir da realização da pesquisa foi constatado que a turma do infantil IV, foco da investigação, vivencia o ensino da arte em meio a inúmeros empecilhos. Observamos a ausência de investimentos e, portanto, a desvalorização da área, falta de recursos materiais, inexistência de formação continuada para professor e qualificação para trabalhar com o tema.

Vale ressaltar que, mesmo com o debate instalado nas instituições escolares a partir dos documentos como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), assim como da Base Nacional Comum Curricular (2017), a Arte e seu ensino não são reconhecidas e evidenciadas nos espaços escolares como as demais áreas do conhecimento.

Ao entrevistar a professora, foi possível constatar que a arte está entrelaçada a outras disciplinas, mas seu trabalho pedagógico em sala não é explorado por sempre trabalhar as atividades, como releituras das obras de Romero Brito, Tarsila do Amaral, Chico da Silva e desenhos livres.

Figura 01–Crianças desenvolvendo atividade de releitura.



Fonte: Acervo das autoras.

Entretanto, percebe-se conforme explicita Maranhe (2011, p. 40) “Sob esta concepção se institui no Brasil o Movimento de Arte/Educação que divulga entre nós a idéia da livre-expressão, tantas vezes distorcida e mal compreendida.” É, por exemplo, o que se observa nas experiências com arte, principalmente na Educação infantil, experiências muitas vezes descontextualizadas para as crianças, por se trabalhar de forma separada e distante da realidade das crianças.

Figura 02- Crianças assistindo vídeo.



Fonte: Acervo das autoras.

É sabido que muitos documentos legais foram revistos a fim de englobar as demandas coletivas e particulares dos sujeitos, tornando e efetivando obrigatório o ensino de arte.

Na Base Nacional Comum Curricular para a Educação infantil (2017) apresenta os direitos de aprendizagem e desenvolvimento que são “conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.” Ou seja, todos os direitos garantidos envolvem a arte, pois é com as

experiências que as crianças se desenvolverão integralmente, num processo constante de transformações e descobertas, sendo essencial que o docente tenha conhecimento sobre a base que rege a educação básica, especificamente a Educação Infantil.

Na fala da professora foi possível constatar que mesmo com o conhecimento construído acerca da arte em sua graduação e com algumas disciplinas cursadas no período da especialização sua prática em arte no ensino público deixa a desejar, pela falta de recursos para planejamento e execução das aulas, afirma ainda que a escola somente disponibiliza giz de cera, lápis de cor e folha de ofício.

A professora também explícita que para a realização das aulas só pode utilizar o espaço da sala de aula, devido às questões de obras que foram realizadas na escola. Ao abordar o modo como avalia ressalta que é por meio dos desenhos produzidos pelas crianças e percebe um desenvolvimento do início para o fim do ano letivo, afirma que suas aulas são dinâmicas com o uso de jogos e brincadeiras. Outra dificuldade que apresenta é sobre o número excessivo de alunos na sala e a dispersão que ocorre no momento da aula. Desse modo, as intervenções realizadas acontecem com a divisão por grupos para trabalhar as atividades.

Diante disso, o desenvolvimento integral só acontecerá de forma satisfatória se o educador possibilitar espaços para o conhecimento novo e plural na busca por potencializar e promover uma educação de qualidade.

A segunda etapa da pesquisa foi com entrevistas realizadas com três crianças do infantil IV, utilizaremos nomes fictícios: Anita Malfatti, John Dewey e Tarsila do Amaral. Todas são da mesma idade, ou seja, quatro anos e responderam as mesmas perguntas. Ao observar os desenhos das crianças entrevistadas, foi possível perceber uma sequência nos desenhos livres, John Dewey sempre desenha um carro, bola e um menino. Já Anita Malfatti e Tarsila do Amaral desenharam boneca, casa, árvore, sol e borboleta. As crianças mencionaram que “adoram a aula de Arte” e sempre fazem “desenhos livres e pintam desenhos prontos entregues pela professora”.

As falas das crianças sinalizam para o que dizem Ana Mae Barbosa (2002) e Buoro (2002), quando afirmam que nas realidades das instituições escolares a formação inicial e continuada das professoras e dos professores não é só uma ação necessária, mas urgente. Essa realidade foi constatada durante a pesquisa que ora apresentamos.

Figura 03- Atividade na parede da sala de aula.



Fonte: Acervo das autoras.

Percebe-se que a aula de arte com as crianças ainda se encontra distante do que se almeja nos documentos legais e no que defende os estudiosos. Para o experimentar arte na escola, em particular na Educação Infantil, requer planejamento e pesquisa, não bastando só aplicação, mas ações contextualizadas, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho, propomo-nos a falar sobre a cultura visual, como expressão da comunicação contemporânea, e podemos considerar algumas das implicações acerca dessa temática, nosso envolvimento com a imagem, no nosso cotidiano familiar, social, como também na escola, e uma das questões evidenciadas, sobre a necessidade de organizar uma proposta educativa, urgente e necessária acerca da presença da imagem, como instrumento de controle cultural. Esse é um dos compromissos do trabalho educativo que podemos desenvolver, em meio a uma questão importante, dentro da escola, e, explicitamente deixada à margem das propostas curriculares e dos projetos pedagógicos.

Diante dessa realidade, uma escola que se quer, de verdade, para atender aos apelos sociais da atualidade, é uma escola que pense uma educação com propostas reais, que viva as questões da realidade, que parta de uma realidade prática, social e retorne a ela, uma escola que contribua para que os sujeitos que dela fazem parte interpretem, compreendam e possam manifestar-se conscientemente a respeito do universo visual de que fazem parte e nele possam relacionar-se e comunicar-se, interpretando a realidade e como esta pode afetar a sua vida.

Porém, com base no estudo realizado podemos afirmar que ainda se perpetua um ensino de Arte descomprometido com as metodologias contemporâneas, as aulas são sempre iguais: o desenho pronto ou o desenho livre.

Esse trabalho investigativo permitiu perceber que na escola, as aulas de arte são vista como um passa tempo, distante da realidade dos pequenos. Assim, as experiências com a arte na Educação Infantil tornam-se vazia de sentido, internalizando conceitos e visões ultrapassadas sobre a área.

Nesse sentido, percebemos que a falta de material e a formação docente, assim como um espaço adequado para as experiências em arte se configuram elementos que provocam o insucesso das aulas e do desenvolvimento das crianças, incapacitando suas criações e recriações.

A experiência possibilitou, aos graduandos do curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA, o contato direto com a realidade da sala de aula e com desafios que vão para além dessa vivência, pois ouvir as crianças sobre as experiências em arte, assim como, refletir com a professora sobre os percalços que enfrentam se constituem ações fortificadoras para a/o licencianda/o.

Portanto, foi possível entender que é necessário investimento na formação inicial e continuada dos docentes, promovendo estudos e reflexões sobre a temática em tela para que transformem a prática educativa e vivenciem as artes e suas linguagens de forma coerente e contextualizada.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte**, 1998.

BAXANDALL, Michael. **Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. DF, 2017.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 18 de dezembro de 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases DA Educação Nacional**. DF, 1996.



BUORO, Anamélia Bueno. **Olhos que pintam:** a leitura da imagem e o ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens:** uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARANHE, Elisandra André. **Ensino da arte no Brasil: aspectos históricos e metodológicos.** São Paulo: UNESP, 2011.